

AS BALEIAS DO SAGUENAY



As baleias do Saguenay

João Batista Melo

Prêmio Cidade de Belo Horizonte
Prêmio Paraná



Sumário

- 13 As baleias do Saguenay
- 27 O caminho das Índias
- 37 A lanterna mágica
- 45 FC
- 53 Depois do crepúsculo
- 63 Retratos de uma paisagem
- 73 A moça triste de Berlim
- 81 O homem que fraudava latas
- 89 Os caminhos do vento
- 101 Uma voz



Para Maria do Carmo e Aline.

E à memória de meus pais, Maria de Lourdes e Benedito.



*Agradeço a Ronaldo Cagiano,
Roberto de Sousa Causo
e Richard Zimler
e à música de Bruce Broughton.
Cada um deles contribuiu, de alguma forma,
para que este livro estivesse aqui agora.*



Era feito daquela substância impalpável que geralmente se chama fábula ou ilusão; ainda que fosse verdadeiro.

Dino Buzzati, O Bicho Papão



AS BALEIAS DO SAGUENAY

*Segue os navios. Segue as rotas que sulcam as tristes e gastas
embarcações. Não para. Evita até o porto mais humilde.*

ÁLVARO MUTIS, A Neve do Almirante



Papai não ameaçou se matar. No bilhete largado sobre a mesa da sala, apenas se despediu num tom carente de amargura. Sem referências à doença terminal, informou-nos que simplesmente resolvera partir.

O alerta da empregada me encontrou dormindo. Tateando na penumbra do quarto, vesti-me como pude e saí ao encontro da mulher alarmada. Dei uma rápida olhada no bilhete e comecei a telefonar para amigos, irmãos e tios. Despertei alguém de plantão na polícia, procurei em vão nos maiores hospitais.

A situação toda era incompreensível. Eu não podia imaginar papai saltando de uma janela no último andar de algum prédio. Nada de forcas ou tiros, ele nem ao menos tinha um revólver. Seu amor pela vida não lhe permitiria eliminá-la, mesmo sabendo que permaneceria pouco tempo com ela. Apanhei o papel outra vez e o reli com atenção. “Não se preocupem comigo. Estarei bem onde estiver. Vou me encontrar com um sonho”.

A última frase desesperava. Meus irmãos foram chegando com o avançar da noite, e um por um enlouqueceu com a perspectiva da morte de papai. Apenas eu tateava os pensamentos à procura de alguma explicação lógica. Abri as gavetas da estante, folheei livros e rascunhos de cartas. Mexi na agenda, investiguei o bloco ao lado do telefone, descobri um velho diário cuja leitura rápida não teve maior serventia.

Desanimado, espichei-me no sofá e olhei para o retrato de mamãe sobre a mesa. De certa forma, posso dizer que cheguei quase a rezar para que ela me inspirasse. E, coincidência ou não, a explicação estava bem ao lado dela, no outro porta-retratos. Era a foto velha e desbotada de uma pequena baleia. Impresso embaixo, um nome que naquele momento me soou como magia: Tadoussac.

Nas primeiras horas da manhã, liguei para o aeroporto. Somente daí a dois dias haveria passagens disponíveis, e além disso

eu precisaria enfrentar a via sacra dos vistos de entrada. Mas a lista dos passageiros confirmou que papai já estava a caminho do Canadá, literalmente voando ao encontro de seu sonho.

O avião passava sobre as florestas das Laurentides. Colando o rosto à janela, papai admirava as folhas coloridas por um arco-íris fragmentado. Um mosaico imenso em tons de amarelo, vermelho, laranja e verde. O passageiro ao lado esticava o rosto curioso na direção da janela.

– Bonito, hein? – ele comentou.

– São como eu me lembrava. – Papai não conseguia afastar os olhos daquele crepúsculo convertido em folhas. – Não há outono como em Quebec!

– O senhor já veio aqui?

Papai já estivera lá. Foi quando conseguira a foto da baleia. Na época ele trabalhava como engenheiro de uma indústria química. A mesma fábrica que legara-lhe a doença que agora o devorara. Viajara para visitar indústrias na região americana dos Grandes Lagos e terminara por conhecer boa parte da província canadense de Quebec. Ele sempre me falava do povo gentil com que conviveu, das belas paisagens que viu. Gatineau, Baie-Saint-Paul, Champlain, Saint-Laurent. Nomes cuja misteriosa sonoridade embalara muitas vezes meu sono quando criança e que agora me voltavam à mente ao pensar em papai voando para Montreal.

As folhas chegaram mais perto, as cores perdendo a irrealidade da distância, e o avião correu pela pista do aeroporto. Logo em seguida papai já avançava na fila da imigração. Tenso, temia ter a doença flagrada pelos canadenses e se ver assim obrigado a voltar para o Brasil. Distraiu-se olhando as esculturas na platibanda próxima do teto, ao longo de todo o salão: bonecos com formas humanas caminhavam, andavam em bicicletas, abriam guarda-chuvas. De alguma forma eles transpareciam vitalidade,

uma sensação que inevitavelmente lhe angustiava. A mulher no guichê então o chamou. Chegara a sua vez.

A cabeça envolta por gorros e cachecóis, os óculos escuros vedando as olheiras, ele tentava ocultar a debilidade numa armadura de panos. O frio intenso justificou os tremores, um esforço deu firmeza à voz que respondeu à fiscal, e em poucos minutos ele já seguia com as malas para o ponto do ônibus que o levaria à cidade.

Dormiu uma única noite em Montreal. Não saiu do hotel, não viu os prédios envidraçados de azul, verde e amarelo espelharem a lua tardia. Na manhã, alugou um carro e seguiu para o norte, ladeando o curso do Saint-Laurent. Passou direto pela cidade de Quebec e seu castelo. Embrenhou-se por vilarejos coloridos pelo outono, contemplando a quase infundável largura do rio. Parou algumas vezes no caminho para recuperar as forças e ficou olhando as ondas vibrarem a superfície das águas. Não conversou com ninguém no trajeto. Não eram as pessoas que lhe interessavam naquela jornada solitária.

Papai sempre gostou de animais. Não que os preferisse aos humanos. Mas guardo lembranças iguais de gestos seus tanto para com os cães quanto para com os homens. Houve uma vigília noite afora, papai olhando pela vidraça da cozinha, a nossa cadela no terreiro se refazendo de um parto quase mortal. E me lembro de uma noite de chuva, papai carregando as crianças de um barraco que ruíra na favela vizinha à nossa casa.

Essas recordações me inquietavam, pois delas traduzia que já não esperava rever papai. E assim passei um dos mais tensos dias de minha vida. Já que não existiam passagens, acabei por ir para o escritório. Mas lá os telefonemas da família foram insuportáveis. Ouvi choros e confissões de irmãos que se culpavam de negligenciar papai. Todos desesperados, supondo papai um suicida. Eu nem sequer cogitava mais essa hipótese, mas por outro lado não tinha certeza das suas intenções ou muito menos de seu destino.

Além disso, eu não sabia se ele resistiria à viagem e nem como conseguiria se virar doente em um país estrangeiro. O médico se recusara a prever sua sobrevida. Por isso eu temia que os dias sem passagens me impedissem de voltar a ouvir papai contando histórias do passado, falando de um rio que corria como um mar preso no continente.

O Saint-Laurent ficava maior à medida que papai seguia adiante. Dali até a gigantesca foz, muito mais ao norte, ele iria se abrindo cada vez mais, deixando-se invadir pelas águas do mar.

Naquela noite, papai dormiu num hotel em Saint-Irénée, uma pequena cidade às margens do rio. Antes saiu caminhando pelas poucas ruas, parou no início do comprido cais e se assentou no muro de contenção. Ouviu o som das águas, pensando na vida que tivera. Lembrou-se de mamãe e de um relacionamento longo e plácido como o rio que agora corria à sua frente, quebrado somente quando ela falecera, muitos anos antes. Lembrou-se de nós, julgando um milagre que tivesse conseguido criar uma família diante da qual podia se orgulhar, não pelo que conquistara ou pelos escassos bens que lhe legava, mas apenas por terem trocado juntos experiências de humanidade.

Na manhã seguinte levantou cedo e pegou a estrada. Ansioso, temia que algo o impedisse de encontrar o que procurava. Mas não foi a doença que o atrapalhou e sim o nevoeiro. Os traços embranquecidos preencheram o ar logo depois da chegada ao ponto onde se embarcava na balsa. Naquele trecho onde a estrada se interrompia, o Saint-Laurent recebia as águas do rio Saguenay. Porém papai mal o viu por trás das manchas de neblina.

A travessia foi lenta, a balsa cega sem encontrar os encaixes na terra, mas pouco depois papai já estava novamente na rodovia. E ali, do outro lado do Saguenay, já era Tadoussac, e papai, enfim em seu destino, buscou um hotel próximo ao porto. Dormiu, refazendo as poucas forças que ainda tinha. Acordando, procurou

uma agência de turismo e aliviou-se ao saber que as excursões não haviam terminado. Contudo naquele dia sairia a última delas. Comprou um bilhete e aguardou impaciente a partida do barco.

Quanto a mim, negaram-me o visto de entrada. Ou melhor, condicionaram-no a uma entrevista pessoal que me obrigou a mudar o dia da viagem. Passei a tarde vagando pela Avenida Paulista, à espera do momento de conversar com o funcionário do consulado. Andando sem rumo naquele cânion de edifícios, senti papai mais distante que nunca. Desejei a utopia do fim dos muros, a abolição de todos os vistos e passaportes. Continuei a me lembrar de papai, seu desacato às noções de nacionalidade. Os animais não têm pátria, ele costumava dizer. Perguntei-me como ele conseguira o visto, franzino e trêmulo, transparecendo a enfermidade em cada gesto.

O piloto do barco notou o evidente mal-estar e se ofereceu para chamar um médico, sugerindo que papai desistisse do passeio. Ele recusou e foi assentar-se na parte coberta da embarcação. Debruçou a cabeça entre os joelhos, tentando recuperar-se. Acabou chamando a atenção da mulher ao lado, que lhe ofereceu um comprimido contra enjoo. Ele sorriu e por delicadeza tomou o remédio. Deitou a cabeça no espaldar do banco e começou a ouvir as explicações do guia. Navegaram até o meio do Saint-Laurent e então deram início à caçada.

Papai saiu para o convés. O frio se espalhava, onipresente, invadindo agasalhos, cortando as mãos e o rosto. Alguns poucos turistas desafiavam o clima do lado de fora da cabine. Conversavam em pequenos grupos, admirando o pouco que se podia ver do rio. Aliás não havia o rio. O rio era a neblina. Uma mancha fantasmagórica rodeando o barco, deixando somente uma ilha de visibilidade. Foi naquele pequeno círculo de água visível que a atenção de todos se concentrou quando o guia avisou que o sonar detectara algo se movendo para estibordo. Os demais pas-

sageiros afloraram para o exterior, câmeras apontadas, supérfluos binóculos colados ao rosto.

A embarcação acompanhava a coisa que se movia nas profundezas do rio. Alguém deu lugar para papai se apoiar na balastrada. Mas antes que ele tocasse no metal do corrimão, algo explodiu ao lado do barco. As águas voaram para cima, enquanto na superfície irrompia o corpo de uma baleia acinzentada. Enorme, ela flutuou um rápido instante para mergulhar em seguida.

Papai tremeu violentamente, desta vez de emoção, e não desgrudou os olhos da baleia que voltou a surgir metros à frente e depois atravessou a água como uma agulha sobre um pano, entrando e saindo, entrando e saindo, até desaparecer na neblina. O barco tentou acompanhá-la, porém não foi ágil o bastante e logo recomeçou a busca, vasculhando o fundo do leito à procura de novos animais.

Papai limpou as gotículas da face. Sentiu o leve sabor de sal e se perguntou o que mais haveria naquela pequena gota. Decerto um pouco de todas as coisas que navegavam suspensas no rio. Toneladas de pesticidas, de chumbo e mercúrio, de cromo e alumínio, muitas delas lançadas nos afluentes dos Grandes Lagos há mais de vinte anos. Papai me contara que o governo proibira o despejo de detritos no Saint-Laurent e empreendera vários projetos para despoluir o rio. Mas o passado era imenso e as suas toxinas ainda resistiam, descendo pelo Saint-Laurent até o mar.

Outra baleia se estendeu nos limites do nevoeiro. Soprou uma fonte antes de mergulhar. O barco se moveu de novo perdido, o sonar garimpando o leito para cima e para baixo. Mais duas grandes baleias teceram um balé entrelaçado. Então veio a quietude por algum tempo. O frio se intensificou. Papai olhava para os lados, tentando discernir alguma coisa entre as teias de névoa que progressivamente se adensavam. Ficara fascinado ao reencontrar as baleias, mas o objeto de sua procura ainda não surgira. Inquieto, perguntou ao guia.

– O inverno está chegando – o guia explicou. – Com o frio, elas quase somem.

– Elas eram tantas... Ninguém acreditaria que pudessem sumir em qualquer época.

O guia explicou que as belugas brancas do Saint-Laurent eram hoje muito poucas, talvez não mais de quinhentas. Papai ouviu com atenção, mas ele já sabia. Assim como sabia que talvez estivessem morrendo, infectadas pela poluição do rio.

O guia avisou que retornariam a Tadoussac. Os passageiros buscaram o calor da cabine. Apenas papai continuou do lado de fora. E quando o barco manobrou e deu força aos motores, ele pensou ver um vulto branco surgir na superfície muitos metros atrás. Mas a neblina veio se fechando no encaixe do barco e ele nada mais conseguiu enxergar.

Caminhou em direção à cabine, escorando-se na amurada para se proteger dos balanços do barco. Ansioso, olhava em torno, tentando flagrar o movimento de eventuais baleias. De repente o suor ensoopou-lhe a roupa. A tremura fez as mãos se soltarem do corrimão.

A mesma mulher que antes lhe oferecera o comprimido viu pelo vidro da porta quando ele caiu no convés. Carregaram-no para dentro e o deitaram num banco. Aplicaram-lhe os primeiros socorros, mas quando despertou o barco já se aproximava do porto. Ele se ergueu confuso, viu na janela a silhueta do grande hotel junto à praia, os dois pavilhões estendidos como asas brancas e vermelhas. Pensou tratar-se de um grupo de belugas, mas não teve forças para se levantar. Os olhos se fecharam até que o médico acendeu a lanterninha sobre as pupilas esverdeadas.

Restabeleceu-se rapidamente no hotel. O médico lhe receitou alguns remédios e recomendou que voltasse logo ao Brasil. Papai lhe contou sobre as belugas e prometeu regressar para casa no dia seguinte.

Em vez disso, procurou uma agência de turismo que organizava excursões em pequenos botes infláveis. A temporada já fechara, mas ele fretou sozinho uma viagem. Saíram depois do almoço, esperando que o calor do sol espantasse a neblina. Porém ela estava lá à espera, uma parede circular seguindo o avanço do bote. O frio era intenso, maior ainda pelos respingos do rio. Papai vestia uma capa de chuva amarela, um gorro de plástico e luvas que escondiam o suor das mãos.

Em certo momento uma baleia rorqual saltou bem ao lado do bote, mergulhando um pouco adiante, a grande nadadeira caudal estendida para cima, gotejando finas cascatas antes de afundar. Papai sorriu e se debruçou para fora do bote tentando adivinhar onde ela ressurgiria. Mas ela voltou à tona já nos limites do nevoeiro. Depois viram mais uma única baleia flutuando ao longe. Das belugas, as pequenas baleias brancas, não notaram nenhum vestígio.

Regressaram frustrados, os empregados da agência com a sensação de terem feito algo indevido, embora desde o início o tivessem advertido de que a época era péssima para se observar os animais no rio. Simpatizaram com papai ao conhecer a sua história, e quiseram sem sucesso devolver-lhe o dinheiro da excursão. Ele pediu para empreenderem outra vez a busca na manhã seguinte. Os homens o dissuadiram, argumentando que era perda de tempo, pois o clima esfriava sempre mais, talvez a qualquer momento já começasse a nevar.

Papai passou a tarde sentado na porta do hotel, olhando o rio desaparecer nas trevas da noite. Recordou-se de nós, os seus filhos. Intuiu a nossa preocupação, o desespero por perdê-lo, a minha tentativa de alcançá-lo. Constatou que tinha um trunfo a mais que as belugas. Os habitantes de Tadoussac, os homens da agência de turismo, todos com quem conversara, afirmaram-lhe que há muito tempo não se via filhotes de belugas no Saint-Lau-

rent ou no Saguenay. Talvez a poluição as tivesse tornado estéreis. De uma forma ou de outra, em breve elas poderiam desaparecer para sempre.

Não encontrei maiores problemas no consulado. E dois dias depois do previsto eu suspirava com alívio ao avistar as florestas coloridas da província de Quebec. Já parcialmente desfolhadas pelo vento, elas me transmitiram um pouco da sensação de papai ao revê-las. Não dormi em Montreal, parei em Quebec apenas para alugar um carro e me enfiar, através de uma noite enluarada, pela rodovia que acompanha o Saint-Laurent. O tempo somente piorou nas proximidades de Tadoussac.

Naquela noite papai se embrenhou em pesadelos insones. A doença fechava o cerco, ao mesmo tempo sugando-lhe forças e roubando-lhe acesso ao reparo do sono. No quarto escuro, a febre infiltrava grossos nevoeiros que cobriam os móveis, turvavam as janelas, pousavam como uma nuvem sobre a cama.

De manhã, um lampejo de energia o fez apanhar o carro, cruzar o rio sobre a balsa e entrar na estrada que margina o rio Saguenay. Afastou-se do Saint-Laurent, viajando por algumas horas ao lado de seu afluente até parar no trevo de entrada de uma vila. Meteu-se na longa rua que atravessa a cidade e parou junto ao porto. Conversou incansavelmente até conseguir alugar um bote. Então, iluminado por um fraco sol de outono, navegou através do Saguenay. Desligou o motor ao chegar a um ponto equidistante das margens, os enormes cabos rochosos avançando como muralhas à sua volta, e se deixou derivar com lentidão na corrente.

Em Tadoussac, demorei a descobrir as pistas da passagem de papai. Conversei com os funcionários do hotel e das agências de turismo. Através do empregado de um posto de gasolina, soube que ele perguntara como se chegava a L'Anse-Saint-Jean, uma cidade próxima de Tadoussac. Comecei a movimentar-me mais

rápido, sabendo agora que ele estava vivo. Cheguei a L'Anse-Saint-Jean quando já anoitecia. Vaguei entre as casas que lembravam uma cidade de bonecas, impressão reforçada pelas miniaturas que, em frente à varanda de muitas delas, reproduziam exatamente a construção original. Com muita dificuldade tive notícias do bote alugado. Pedi o socorro da polícia local. Atravessei uma ponte coberta, toda feita de madeira, e me embrenhei pelo caminho que seguia às margens de uma enseada.

Subi até o mirante de onde se via parte do rio Saguenay. Era imenso, correndo entre largos fiordes, as águas lapidadas com estrias azuis. Um azul intenso, mais azul que o céu, mais azul que as pedras de água-marinha. E que se mostrava ainda mais azul nos pontos onde as nuvens manchavam de sombra a superfície inquieta.

Daquela distância seria impossível identificar um pequeno bote que vagasse sobre as águas. Mas tive a impressão de ver uma grande lancha lá embaixo. Depois ouvi um helicóptero sobrevoar a região, o som das hélices ecoando nas reentrâncias dos cabos. Meu apelo à polícia já tivera efeito.

Desci até a cidade, onde não havia nenhuma notícia de papai. Quando veio a noite, tornei a subir para o mirante. E na escuridão absoluta percebi o abismo à minha frente, o leito do rio dezenas de metros abaixo, e em algum lugar dentro dele papai e sua pequena embarcação.

Embora as baleias fossem menos frequentes no rio Saguenay que no Saint-Laurent, em L'Anse-Saint-Jean papai batera a foto do porta-retratos. No entanto era pouco provável que ele as encontrasse ali, naquela época do ano. Ele tivera um ato de desespero. Ou de intuição.

Tentei enxergar o rio, mas ele era um fosso completamente negro. O cansaço produziu lampejos de luz em minha visão. Forcei os olhos tentando distinguir ao menos os rochedos que

contornavam o rio. Nada vi enfim. No entanto, de alguma forma, tive a certeza de que algo acontecia lá embaixo.

Elas estavam no rio. E sozinho naquele alto mirante, olhando um rio que eu não via, ouvindo o movimento de ondas que eu não escutava, finalmente pude compreender. Papai não viera ao Saguenay para se matar, nem apenas para rever as baleias. Ele viera morrer junto delas. Elas que talvez também morressem junto com ele. Papai as escolhera para seu séquito. Um estranho séquito de grandes golfinhos, tão grandes que eram considerados baleias, brancos como se cobertos de neve, dóceis como todas as vítimas.

As belugas o guardaram durante toda a noite. Circundaram o bote, parecendo que o protegiam. Mantiveram-no entre os promontórios dos magistrais fiordes do Saguenay, evitaram que a corrente o levasse.

Elas se foram apenas com o amanhecer. Deixaram enfim o bote vagar entregue ao seu destino. Afastaram-se lentamente, entre mergulhos e emersões, seguindo o curso do Saguenay em direção ao Saint-Laurent. Uma delas – um pequeno filhote – demorou mais a partir. Rodeou o bote com saltos alegres, como se brincasse, mas terminou por acompanhar as demais belugas.

